



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search
<http://ageconsearch.umn.edu>
aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



ANÁLISE E FATORES CONDICIONANTES DO DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES
BRASILEIRAS DE BANANA NO PERÍODO DE 1990 A 2003

HUMBERTO SANTIAGO PAZZINI; VIVIANE GORGATI VIEGAS;

UNIPAC

VISCONDE DO RIO BRANCO - MG - BRASIL

humpazzini@yahoo.com.br

PÔSTER

COMÉRCIO INTERNACIONAL

**ANÁLISE E FATORES CONDICIONANTES DO DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES
BRASILEIRAS DE BANANA NO PERÍODO DE 1990 A 2003.**

Grupo de pesquisa: Comércio Internacional

1. Problema e Importância

O Brasil é o maior produtor de frutas tropicais do mundo. Entretanto, ainda é necessário aprimorar as bases da atividade no País, para que essa perspectiva otimista se transforme em realidade sustentável. É notório que elementos estruturais não faltam a esse imenso celeiro agrícola – solo, disponibilidade hídrica em várias localidades, luminosidade e tecnologia. Todavia, é preciso transformar esse vultoso conjunto de fatores positivos em uma realidade comercial, que se multiplique em ganhos econômicos e sociais, em geração de emprego, renda e alavancagem regional.

De fato, em anos recentes, a produção e processamento de frutas vêm se destacando como atividades de intenso dinamismo, tanto no nível nacional quanto no internacional. Segundo pesquisa realizada pelo Banco de Desenvolvimento do Estado de Minas Gerais - BDMG (2002), as vantagens tecnológicas e os mecanismos de compensação sazonal entre os hemisférios, aliados ao desejo de uma alimentação mais saudável e à crescente desregulamentação comercial das nações, têm favorecido a expansão da fruticultura em diferentes países.

Esse cenário favorável tem fomentado uma série de esforços de pesquisa e promoção da atividade frutícola, principalmente ao se considerar o espaço ainda existente para ampliação do consumo (nos níveis nacional e internacional) e os benefícios econômico-sociais advindos da ampliação dessa atividade produtiva.

No caso brasileiro, como dito, em que pese o grande potencial produtivo, a participação do País no mercado internacional é, ainda, muito pouco expressiva. Dentre as frutas que têm mostrado dinamismo crescente, destacam-se a banana (variedades primordialmente ligadas ao grupo “nanica”).

De acordo com BRAGA (2005), a banana é a fruta de comercialização “in natura” mais consumida no mundo. No ano de 2004 era produzida em mais de 80 países, em uma área superior a 4 milhões de hectares, obtendo uma produção que já supera 65 milhões de toneladas (FAO, 2004). Nesse cenário, o Brasil destaca-se como o 2º produtor mundial, com uma produção média de 6,5 milhões de toneladas cultivadas em uma área aproximada de 508 mil hectares (Tabela 1).

Todavia, as exportações brasileiras são pouco expressivas. Isso decorre, de acordo com BRAGA (2004), das diferenças de variedades (produzidas internamente e demandadas internacionalmente), bem como das exigências e restrições sanitárias incidentes sobre a comercialização da fruta. Como consequência, outros países têm assumido o posto de principais ofertantes mundiais e grande parte da produção nacional, quando não absorvida internamente, se perde nas bancas de feiras livres e supermercados, em virtude da qualidade e da aparência inadequadas ao mercado externo.

Tabela 1- Produção de Bananas por Países Selecionados - em 2003

País	Produção (Mt)	Área (ha)
Índia	16.450.000	620.000
Brasil	6.469.470	507.874
China	5.826.521	259.600
Equador	5.609.460	218.683
Indonésia	3.683.155	295.000
Costa Rica	2.000.000	45.000
México	1.944.710	70.000
Colômbia	1.450.000	43.000
Honduras	965.066	23.000
Guatemala	940.388	19.040

Fonte: FAO, 2004. Elaborado por BRAGA (2004).

Normalmente, o cerne desse problema encontra-se, normalmente, no descuido com a manipulação das bananas, tanto por parte do proprietário (ou responsável pela produção em si), como dos que manipulam a fruta ao longo da cadeia de comercialização, causando perdas de variada ordem. Segundo MOREIRA (1987), estas perdas não se verificam em países tradicionalmente exportadores, onde o produto danificado é simplesmente descartado, podendo até mesmo ser condenado todo o lote daquele produtor, caso se encontre frutos fora das especificações exigidas. Devido a isso, apenas 241,04 toneladas, ou 1,64%, foram exportadas, de um total mundial de 14.718,22 toneladas em 2002, principalmente para países da América do Sul como Argentina e Uruguai (FAO, 2004).

Em termos práticos, além da relevância da produção, destaca-se o fato de que a bananeira é cultivada em todos os estados brasileiros, desde a faixa litorânea até os planaltos

do interior, o que indica ser esta uma cultura muito importante para um grande universo de produtores em todo o País.

No Brasil, de modo geral, os cultivos seguem padrões tradicionais, com baixos índices de capitalização e tecnologia, sendo que os estados brasileiros com maiores áreas de plantio e maior produção são: São Paulo, Pará, Bahia, Santa Catarina, e Minas Gerais (Tabela 2). Em alguns cultivos tecnicamente orientados encontrados em SP, SC, GO e MG, observa-se a utilização de tecnologias adequadas e adaptadas de outros países.

O maior problema do cultivo no Brasil é a falta de variedades comerciais produtivas, com porte adequado e resistência solo-água-plantas. Em adição às doenças como o Mal-do-Panamá, a Sigatoka Amarela, o Moko, os Nematóides e as Pragas (broca-do-rizoma), que prejudicam o cultivo, existe a Sigatoka Negra, recentemente introduzida no país e que pode causar danos expressivos à bananicultura nacional.

Na realidade, como em todas as atividades agrícolas, a escolha da cultivar de bananeira a ser implantada é fortemente determinada pelo mercado interno e externo, dado que o mercado externo tem preferência pela variedade do subgrupo Cavendish e o mercado interno tem preferência pela variedade do tipo Prata. Considerando que o comércio internacional de frutas frescas movimentada, anualmente, cerca de 40 milhões de toneladas, volume bastante considerável, além de ser maior que toda a produção brasileira de frutas. Deste mercado, quase a metade é comercializada com bananas e cítrica, sendo a banana considerada como a fruta que detém o maior mercado. Quando se considera o valor comercial, os cítricos possuem o maior valor dentre todos os tipos de frutas (US\$ 3,5 bilhões), seguido da banana (US\$ 3 bilhões), maçãs (US\$ 2 bilhões) e uvas (US\$ 1,5 bilhões).

Tabela 2- Produção de Bananas por Estados - em 2002

Estado	Produção (ton)*	Área (ha)*
São Paulo	1.132.160	55.630
Pará	762.333	55.335
Bahia	730.824	51.052
Santa Catarina	626.000	29.000
Minas Gerais	584.141	42.727

Fonte: AGRIANUAL, 2003.

*Selecionados até agosto de 2002.

A importância do mercado internacional de banana, descrita acima, é muito pequena quando se leva em conta a expressividade do mercado interno nos países produtores, pois, do total produzido de bananas no mundo apenas 13% são destinadas ao mercado externo, enquanto o maior percentual é comercializado internamente nos locais de produção. Assim, além da importância social que estas culturas representam no mundo, a relevância do mercado (interno e externo) é expressiva, movimentando anualmente uma soma considerável de moeda, gerando emprego, trabalho e desenvolvimento nos países produtores (ALVES, 1999).

1.2. Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o desempenho das exportações brasileiras de

banana e manga, no período de 1990 a 2003. Especificamente, pretende-se:

- a) Analisar e quantificar o desempenho das vendas externas de banana, segundo indicadores selecionados (desempenho e eficiência);

2. Metodologia

2.1. Referencial teórico

De acordo com FARIA (2004), o comércio exterior se desenvolveu em consequência natural da expansão geográfica mundial, do aumento da necessidade de consumo e da escassez de recursos necessários para a produção de alguns bens. Isso fez com que cada país explorasse os recursos que possuíam em abundância e produzisse um excedente que pudesse ser exportado. Essas práticas de exportação foram evoluindo e proporcionando diversas vantagens para os agentes envolvidos nesse intercâmbio.

Muitas teorias a respeito do comércio internacional e os intercâmbios internacionais têm surgido, e estas poderiam beneficiar tanto os países exportadores como os importadores. A idéia inicial era que os exportadores poderiam obter vantagens com aumento na produção voltada para a exportação, o que provocaria a geração de emprego e divisas para a aquisição de bens dos quais estes exportadores não produziam. Já os importadores ganhariam através do aumento de bem estar, pois elevariam seus níveis de consumo importando os bens escassos a preços mais viáveis.

No entanto, segundo FARIA (2004), existem fatores internos em cada país que inibem o livre comércio e, conseqüentemente, reduzem a capacidade dos países aproveitarem os possíveis benefícios deste comércio. Isso ocorre, porque existem pressões de grupos de interesse que, por problemas e ineficiência estruturais, possuem baixa competitividade em relação às indústrias estrangeiras de determinados produtos e que por isto estes grupos podem ser prejudicados. “Em função disto, os governos destes países são pressionados a intervirem por meio de inúmeras restrições às importações de cunho protecionista. Essas ações governamentais prejudicam o comércio internacional como um todo representando uma imperfeição no mercado.”

Em síntese, a competitividade internacional de um País em um determinado mercado, é, atualmente, definida a partir de um conjunto de elementos, muitos deles de difícil mensuração. Mais do que simplesmente basearem-se em um conjunto de recursos disponíveis, os países são estimulados a buscar uma percepção mais abrangente de quais são, de fato, os elementos que podem favorecer uma inserção mais competitiva no mercado externo.

Assim sendo, no período mais recente, tem havido muitos esforços no sentido de compreender, teoricamente, os mecanismos que afetam a competitividade de um país ou setor específico. Constatou-se, a partir desse olhar mais ampliado, que a competitividade é um conceito multidimensional e integrado, e que sua compreensão depende do intercâmbio de uma série de fatores que se complementam e intercambiam. Assim sendo,

“O termo competitividade, embora faça parte obrigatória do vocabulário contemporâneo de políticos, empresários, lideranças sindicais e patronais, entre outros, encontra nas literaturas científicas especializada várias interpretações diferentes. Diferentes são também as formas pelas quais os pesquisadores vêm tentando mensurar esta competitividade e identificar os principais fatores que a afetam. (BRAGA, 2004:22)”.

Em outras palavras, o conceito de competitividade vem sendo abordado, em análises e pesquisas científicas, sob diversas perspectivas. Haguenuer (1989), citado por BRAGA (2004), FARIA (2004) e ARAÚJO (2005), discorre bastante sobre o tema e organiza vários conceitos de competitividade em dois grupos fundamentais.

- 1) Em primeiro lugar, discute a competitividade sob a perspectiva da eficiência: nessa versão, busca-se traduzir a competitividade através da relação insumo-produto praticada pela firma, e na capacidade da empresa de converter insumos em produtos com o máximo de rendimento.
- 2) Em segundo, o autor discute a competitividade como desempenho: para o autor, a competitividade é expressa na participação no mercado (*market share*) alcançada por uma firma em um mercado em um momento do tempo. A participação das exportações da firma ou indústria no comércio internacional total da mercadoria apareceria como seu indicador mais imediato, em particular no caso da competitividade internacional.

Embora seja interessante a avaliação combinada dessas duas formas de entendimento, boa parte da literatura disponível que trata da medição do desempenho de uma região no mercado internacional, privilegia a medição *ex-post*. Na prática, esse argumento se justifica pelo entendimento de que, embora se trate de uma análise *a posteriori*, as informações geradas podem ser vir de subsídio ao desenvolvimento de medidas que visem a superação de entraves setoriais.

Assim sendo, na presente pesquisa optou-se por selecionar um conjunto de indicadores de desempenho que permitam, através de sua análise conjunta, a percepção da evolução da competitividade brasileira no mercado internacional de frutas selecionadas (banana e manga) e a observação de seus fatores determinantes.

2.2. Modelo Analítico

Com vistas a atender os objetivos propostos nessa pesquisa, a análise e quantificação da evolução e comportamento das vendas de banana e manga, serão realizadas através do cálculo dos indicadores: *Coefficiente de exportação*, *Market share doméstico* e *Taxa de auto-suprimento*.

Os indicadores selecionados na primeira parte da avaliação são do tipo absoluto, já que o estudo trata da competitividade setorial de um País, no caso, o Brasil. O primeiro indicador de desempenho utilizado é dado pelo coeficiente de exportação; ou seja, traduz uma relação exportações/faturamento. Esse indicador mostra a parcela do faturamento da empresa que é obtido através de suas exportações.

$$I_1 = \frac{X}{W} \quad (1)$$

em que:

X = Exportações totais, por fruta selecionada, em dólares (US\$);

W = Faturamento total da atividade selecionada, em dólares (US\$).

O segundo indicador de desempenho selecionado consiste na parcela do faturamento total do setor pertencente ao País selecionado na pesquisa. Este indicador é chamado de *Market share doméstico* e é expresso como sendo

$$I_2 = \frac{W_i}{W} \quad (2)$$

em que:

W_i = Valor da produção do País selecionado, por atividade frutícola, em dólares (US\$);

W = Valor da produção mundial da atividade, em dólares (US\$).

O terceiro indicador de desempenho selecionado é a *Taxa de Auto-suprimento* ou *Grau de Engajamento*, que representa a parcela da demanda interna atendida pela produção doméstica.

$$I_3 = \frac{P_i}{D_j} \quad (3)$$

em que:

P_i = Produção da região analisada, por atividade selecionada, em toneladas;

D_j = Demanda interna total, por atividade selecionada, em toneladas.

2.3. Fonte dos dados

Todos os dados necessários ao desenvolvimento da pesquisa serão obtidos junto ao sistema AliceWeb, disponibilizado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e na base da Food Agriculture Organization – FAO.

3. Resultados e Discussão

Analisando os índices da produção de banana nota-se que:

O Coeficiente de exportação e a taxa de auto-suprimento apresentaram a mesma curvatura ao longo do período, com variações em todo o período analisado (tabela 3 e 4).

A participação das exportações obteve em média 0,017 do total produzido nacionalmente, iniciando de 0,011 em 1990 e finalizando em 0,031 em 2003, sem ter uma continuidade de crescimento, havendo períodos de grandes quedas como em 1995 quando alcançou a marca de 0,005 apenas.

De 1990 a 1991 o coeficiente cresceu 108% alcançando um pico de participação, mas que no ano seguinte decresceu vertiginosamente 79% até 1995 e retomando o crescimento até 2003 de 190% acumulado com uma observação a partir do ano de 2001 que o crescimento foi mais acelerado até 2002 que o crescimento acumulado até então havia sido de 242%.

Com relação ao mercado interno, o Brasil é auto-suficiente em produção de banana, mesmo considerando um desperdício de 15% da produção (FAOSTAT), alcançando a média de 20% excessiva ao consumo.

Ao longo do período verifica-se que em 1990 a produção nacional correspondia a 119% em relação ao consumo interno, em 1995 chegamos ao nosso mais baixo percentual (117,9%) e em 2002 o mais alto ponto (123%).

A participação brasileira na produção mundial de banana vem decaindo dentre os anos de 1990 a 2003, começando uma leve retomada, porém incipiente ainda para o potencial

brasileiro, enquanto a produção global aumentou em 29% na média, o Brasil aumentou apenas 2%.

Gráfico 1 - Coeficiente de Exportação

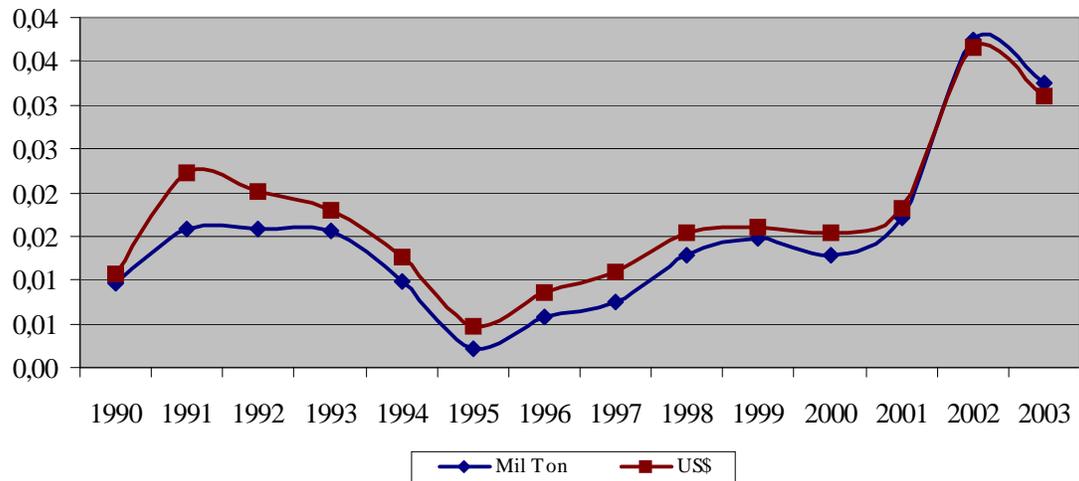


Gráfico 2 – Market Share Doméstico

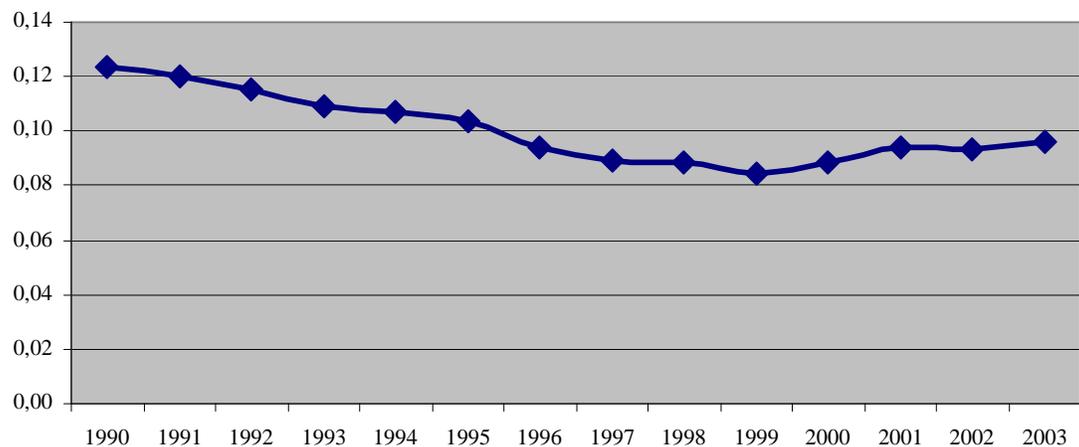


Gráfico 3 – Taxa de Auto-suprimento

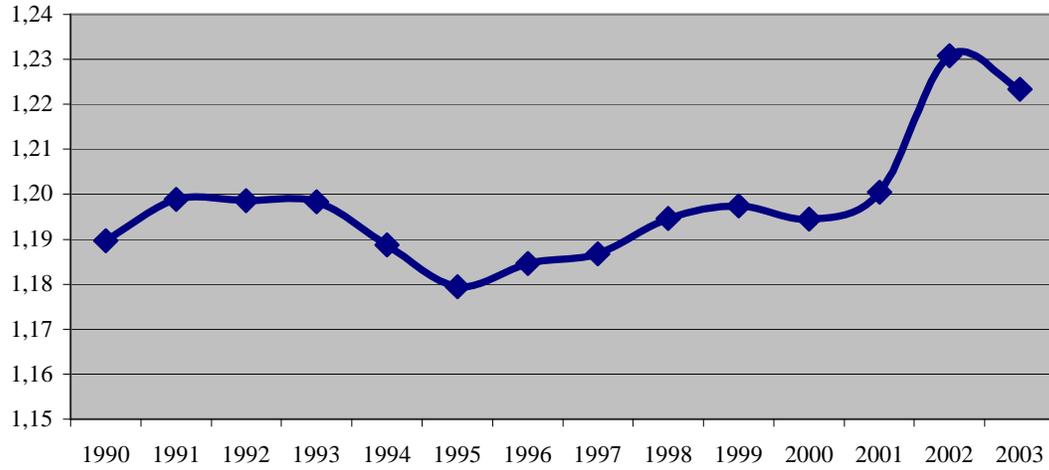


Tabela 3- Produção e exportação de banana – 1990 a 2003

	Produção Mundial					Produção				Exportação			
	Mil Ton	Var (%)	Mil US\$	Preço	Var (%)	Mil Ton	Var (%)	Mil US\$	Preço	Mil Ton	Var (%)	US\$ FOB	Preço
1990	45.766,56		6.588.884	143,97		5.726		815.988	142,51	55		8.741.787	159,70
1991	47.449,41	4%	6.830.031	143,94	0%	5.762	1%	821.163	142,51	91	67%	18.331.502	200,54
1992	50.178,54	10%	7.222.064	143,93	0%	5.849	2%	833.473	142,51	92	68%	16.689.331	181,12
1993	52.578,76	15%	7.557.608	143,74	0%	5.803	1%	826.984	142,51	90	65%	14.936.540	165,30
1994	55.238,30	21%	7.932.684	143,61	0%	5.955	4%	848.681	142,51	58	6%	10.702.265	183,66
1995	55.575,65	21%	7.980.452	143,60	0%	5.801	1%	826.716	142,51	12	-77%	3.907.061	312,74
1996	54.531,01	19%	7.841.398	143,80	0%	5.160	-10%	735.377	142,51	30	-45%	6.226.704	207,98
1997	59.952,76	31%	8.624.836	143,86	0%	5.412	-5%	771.315	142,51	40	-27%	8.382.281	209,23
1998	59.580,92	30%	8.562.430	143,71	0%	5.322	-7%	758.467	142,51	69	25%	11.628.862	169,63
1999	64.417,03	41%	9.254.430	143,66	0%	5.478	-4%	780.720	142,51	81	48%	12.518.012	154,11
2000	63.610,47	39%	9.146.216	143,78	0%	5.663	-1%	807.085	142,51	72	32%	12.359.117	170,55
2001	65.210,56	42%	9.368.590	143,67	0%	6.177	8%	880.278	142,51	105	92%	16.036.278	152,56
2002	68.318,33	49%	9.814.804	143,66	0%	6.423	12%	915.322	142,51	241	340%	33.573.950	139,29
2003	69.816,28	53%	10.036.130	143,75	0%	6.775	18%	965.502	142,51	221	303%	30.013.320	135,95

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 4- A banana – 1990 a 2003

	Importação		Consumo	Desperdício		Área			Coeficiente de Exportação		Tx Auto-suprimento	Market share doméstico	
	US\$ FOB	Mil Ton	Mil Ton	Mil Ton	%	Plantada	Colhida	%	Mil Ton	US\$		US\$	Ton
1990			4.813	858,87	15%	494.425	487.883	6,95	0,01	0,01	1,19	0,12	0,13
1991			4.807	864,32	15%	497.990	490.617	7,08	0,02	0,02	1,20	0,12	0,12
1992			4.879	877,28	15%	525.648	515.844	7,66	0,02	0,02	1,20	0,12	0,12
1993			4.842	870,45	15%	528.211	520.014	8,49	0,02	0,02	1,20	0,11	0,11
1994	5568	0,034	5.010	893,29	15%	521.721	516.087	8,67	0,01	0,01	1,19	0,11	0,11
1995	15107	0,069	4.919	870,18	15%	518.863	509.365	8,92	0,00	0,00	1,18	0,10	0,10
1996	35.280	0,036	4.356	774,03	15%	507.610	496.593	8,96	0,01	0,01	1,18	0,09	0,09
1997	637,5	0,001	4.560	811,85	15%	546.435	532.745	9,18	0,01	0,01	1,19	0,09	0,09
1998	45.000	0,036	4.455	798,34	15%	536.402	518.433	8,66	0,01	0,02	1,19	0,09	0,09
1999	50.242	0,038	4.575	821,76	15%	536.444	518.587	8,42	0,01	0,02	1,20	0,08	0,09
2000	18.188	0,018	4.741	849,51	15%	533.593	524.750	8,5	0,01	0,02	1,19	0,09	0,09
2001	17.483	0,012	5.145	926,55	15%	516.678	510.313	8,25	0,02	0,02	1,20	0,09	0,09
2002	2.858	0,002	5.218	963,43	15%	514.563	502.939	8,16	0,04	0,04	1,23	0,09	0,09
2003	15.923	0,012	5.538	1.016,25	15%	514.549	509.588	8,12	0,03	0,03	1,22	0,10	0,10

Fonte: Dados da pesquisa

3.1. Discussão

As exportações nacionais de banana nunca foram o foco principal do produtor. Em média apenas 1,5% do que é produzido no Brasil é comercializado com outros países, ficando 98,5% no comércio interno.

A partir de 1993 a participação do estado de São Paulo, que durante décadas foi o responsável por praticamente toda a exportação brasileira de banana, nas exportações sofreu uma queda drástica chegando no ano de 2000 com apenas 10,8%.

A brusca mudança ocorrida em 1995 é explicada pela formação da cadeia da banana, tendo o estado de São Paulo como o principal produtor-exportador de banana brasileira e os países do Mercosul como seu principal comprador, principalmente Argentina e Uruguai. Em 1994, a redução do processo inflacionário promoveu o aumento do poder de compra dos consumidores, o que, por sua vez, aqueceu a demanda por produtos de maior elasticidade-renda, como as frutas. Em contrapartida à maior procura, no início de 1995, fortes chuvas que inundaram o Vale do Ribeira, provocaram elevadas perdas na safra de banana e reduziram sua oferta no mercado. Com isso, o preço do produto elevou-se fortemente, reduzindo drasticamente as compras argentinas e uruguaias, caindo assim a quantidade exportada. Quase ao mesmo tempo, a participação da banana nacional nas importações uruguaias, que variava entre 84% e 100%, na primeira metade da década de 1990, cai para cerca de 20% em 1996.

A recuperação das transações internacionais ocorreu na mudança do pólo exportador brasileiro, indo de São Paulo para outros estados brasileiros, que, em apenas cinco anos, passaram a responder por 89,2% do valor das exportações brasileiras.

Ao longo dos anos noventa, várias regiões brasileiras criaram e expandiram pólos bananicultores como os Estados de Santa Catarina, Minas Gerais e Rio Grande do Norte.

O estado sulista apresenta a grande vantagem de estar mais próximo dos compradores uruguaios e argentinos, enquanto o estado nordestino está mais próximo do mercado europeu e conta com maior apoio logístico para a remessa marítima da fruta.

A quantidade exportada de banana pelo Brasil, em 2001, ultrapassou 105 mil toneladas, sendo 46% superior as 71,8 mil toneladas de 2000. Há anos a exportação desta fruta não atingia este patamar. Aparentemente, a desvalorização do Real aumentou a competitividade da banana brasileira em relação a seus competidores internacionais, principalmente no mercado argentino, diante do produto equatoriano (maior exportador mundial), permitindo a remessa de 60,9 mil toneladas em 2001, contra 35 mil em 2000.

As remessas de banana para países do Hemisfério Norte tiveram um incremento de 24% em sua quantidade, de 2000 para 2001. Neste caso, a variação entre 1999 e 2001 aponta um crescimento exponencial das vendas a países europeus, destacadamente para o Reino Unido, e a preços mais de 100% superiores àqueles obtidos no comércio com países do Mercosul.

Em 2002, a profunda crise na Argentina e a forte desvalorização cambial no Brasil provocaram mudanças significativas: as exportações brasileiras aumentaram de 60,9 para 163,0 mil toneladas. A recuperação do mercado uruguaio começou mais cedo, já em 1998, a fruta brasileira havia voltado a ser hegemônica (acima de 50%) e, em 2002, a presença brasileira ultrapassou os 83%.

A redução no poder de compra levou os argentinos a buscarem preços menores, mesmo em detrimento da qualidade. Por outro lado, a desvalorização do real permitiu que os novos principais exportadores, os produtores catarinenses, exportassem grande volume de banana a preços menores. Essa conjunção de fatores explica a rápida e acentuada mudança no comércio da banana, no âmbito do MERCOSUL. A recuperação da economia Argentina e do

valor da moeda brasileira, em 2003, indicam que esse quadro iniciou um processo de reversão.

Esse aumento nas exportações também se deve a instalação de empreendimentos bananícolas, já em produção, no nordeste brasileiro. Neles se produz banana de padrão internacional, tanto em qualidade de produto como em embalagem, pois são embaladas em caixas de papelão (MOREIRA, 1999).

Pela primeira vez o produto catarinense sofre retração nas vendas aos países do MERCOSUL, caindo para 58,45% da quantidade total e 39,96% do valor, enquanto as exportações para a Europa (principalmente Itália) crescem significativamente, abrindo espaço para os produtores nordestinos, que passaram a representar quase metade (49,18%) do valor do comércio exterior brasileiro de banana. O que nos remete a uma nova realidade para as exportações de banana.

Contudo a maior parte dos produtores de banana aumentaram suas produções no período analisado, com destaque para China (128,6%), Equador (101,1%), Índia (95,4%) e Filipinas (70,6%). Enquanto a produção do Brasil, de 1990 a 2003, apresentou um crescimento muito pequeno, de apenas 18%, fato que ocasionou uma perda de importância no panorama produtivo mundial. Este fato é gerado pela perda de produtividade dos bananicultores, devido ao aumento da produção brasileira de banana, mesmo que pequena, que ocorreu essencialmente às custas do aumento da área cultivada que crescia a taxas significativas (3,87% ao ano), embora produção crescia apenas 2% ao ano, ou seja, resultando numa produtividade decrescente em torno de -0,33% ao ano.

3.1. Conclusão

Verificou-se que apesar do crescimento da participação da banana brasileira no comércio internacional, notoriamente esta produção é focada para a demanda interna. A baixa participação brasileira é contraditória com a nossa capacidade produtiva e nosso potencial físico de produção.

4. Bibliografia

- AGRIANUAL. FNP Consultoria & Agroinformativos. São Paulo: FNP. 2003 e 2004.
- ALVES, E. J. (org.); **A Cultura da Banana: aspectos técnicos, socioeconômicos e agro-industriais**, 2ª edição, Brasília, Embrapa - CNPMF, 1999, 585 p.
- BATALHA, M. O. & SILVA, A. L.; **Gestão de Cadeias Produtivas: Novos Aportes Teóricos e Empíricos**. In: Gomes, M.F.M. & Costa, F.A. (Des)equilíbrio Econômico & Agronegócio. Viçosa: UFV, DER, 1999.
- BATALHA, M. O. & SILVA, C. A. B.; Competitividade em sistemas agroindustriais: metodologia e estudo de caso. In: II WORKSHOP BRASILEIRO DE GESTÃO DE SISTEMAS AGROALIMENTARES, 1999, Ribeirão Preto. **Anais...** PENSA/ FEA/ USP, p. 9-20, 1999.
- CENTRAL DE ABASTECIMENTO DE MINAS GERAIS – CEASAMINAS; **Dados gerais**. (<http://www.ceasaminas.com.br> - capturado em 11 mar. 2004).

- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. www.cnpmf.embrapa.br (Acesso em outubro de 2004).
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA; **A cultura da Banana**, Coleção Plantar, CNPMF, 1999, 585p.
- FAJNZYLBER, F.; **América Latina y Brasil: Reestructuración Productiva e Incorporación de Progreso Técnico**, Campinas, Seminário “Tendências: O Brasil no Começo do Século XXI”, Campinas, ago. 1988.
- FERNANDES, M.S., FERRAZ, M S e OLIVEIRA, V. Mais espaço no mercado mundial de frutas. In: **Agriannual 2004**. São Paulo: FNP Consultoria & Agroinformativos.
- FOLHA ON-LINE. Disponível em www.folhaonline.com.br (acesso em outubro de 2004).
- FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS, FAOSTAT; **Statistical Databases**. (<http://www.fao.org> -capturado em 17 jun. 2004).
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV www.fgv.br (FGVdados – Acesso em setembro e outubro de 2004).
- FIORAVANÇO, J.C. **Mercado Mundial Da Banana: Produção, Comércio E Participação Brasileira**, . Informações Econômicas, São Paulo, v. 33, n. 10, OUT
- GONÇALVES, J. S.; PEREZ, L. H.; SOUZA, S. A . M. **Mercado internacional e produção de banana: a estrutura produtiva e comercial do complexo bananeiro mundial**. Agricultura em São Paulo, São Paulo, v. 41, t. 3, p. 161-188, 1994.
- HAGUENAUER, L.; **Competitividade: Conceitos e Medidas**. Uma Resenha da Bibliografia Recente com Ênfase no Caso Brasileiro. RJ, IEI/UFRJ (Texto para Discussão Interna, 211). RJ, 1989.
- HARRISON, W.; KENNEDY, P.; **A Neoclassical Economic and Strategic Management Approach to Global Agribusiness Competitiveness**. Competitiveness Review (7) 1, p. 14-25, 1997.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, **Pesquisa Industrial Mensal – Dados Gerais**. (capturado em 11 mar. 2004).
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. www.ibge.gov.br (acessos em setembro e outubro de 2004).
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. www.ipea.gov.br (IPEAData – acesso em setembro e outubro de 2004).
- KENNEDY, P.; HARRISON, R.; KALITZANDOKANES, N.; PETERON, H.; RINDFUSS, R.; **Perspectives on Evaluating Competitiveness in Agribusiness Industries**. Agribusiness, 13 (4), p. 385-392 (1997).
- MANICA, I. **Fruticultura tropical 4. - banana**. Porto Alegre: Cinco Continentes, 1997. 485 p.
- MANCKE, R; **Interfirm Profitability Differences**; QJE; 87 (2): 183-93; may. 1974.
- MASCARENHAS, G. **Análise do mercado brasileiro de banana**. Preços Agrícolas, Piracicaba, v, 11, n. 134, p. 4-12, dez. 1997.
- MOREIRA, R. S.; **Banana: Teoria e Prática de Cultivo**, Campinas, São Paulo, Fundação Cargill, 1999, 335 p.

- MOREIRA, R. S.; **Cultura da Bananeira**, Belo Horizonte, Instituto Agrônomico de Campinas, 1979, 68 p.
- NIERI, L. Para exportar mais sucos de frutas tropicais. In: **Agrianual 2004**. São Paulo: FNP Consultoria & Agroinformativos.
- PEREZ, L. H. (2001). **Banana: exportações brasileiras, em 2001, são as maiores desde 1985**. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=50>>. Acesso em: outubro de 2005.
- PEREZ, L. H. **Exportações brasileiras de banana: acentua-se a especialização regional**. Informações Econômicas, São Paulo, v. 31, n. 8, p. 7-13, ago. 2001.
- PINHEIRO, C. D.; **Fatores condicionantes da demanda de carne suína no município de Viçosa**. Viçosa, MG: UFV, 2003. 71p. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Viçosa, 2003.
- PINTO, A C Q. Entrevista concedida ao site TODAFRUTA. Disponível em www.todafruta.com.br (Acesso em outubro de 2004).
- PIZZOL, S. J. S., ELEUTÉRIO, R. C. **Participação do Brasil no mercado externo de bananas. Preços Agrícolas**, USP/ESALQ e CEPEA, ano XIV, n.162, abr. 2000, p.41. Secretaria de Comércio Exterior - SECEX (acessos em outubro de 2002).
- REVISTA INFORME AGROPECUÁRIO; **Banana: Produção, Colheita e Pós-colheita**, Belo Horizonte, vl. 20, nº 196, jan/fev 1999. 180 p.
- TODAFRUTA**. (<http://www.todafruta.com.br> – capturado em 03 mai. 2004).
- VAN DUREN, E., MARTIN, L. & WESTGREN, R.; **Assessing the Competitiveness of Canada’s Agrifood Industry**. Canadian Journal of Agricultural Economics, 39, 1991. p.727-738.
- VILAS A T. **Panorama do agronegócio da fruta no Brasil e no mundo**. (s/d – sem referência).